

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

24 Nov 2017
21:30 Sala Suggia

Takuo Yuasa *direcção musical*

Piotr Ilitch Tchaikovski

Abertura-Fantasia *Romeu e Julieta* (1870-80; c.20min)

Sergei Rachmaninoff

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, op. 44 (1936; c.40min)

1. *Lento – Allegro moderato*
2. *Adagio non troppo*
3. *Allegro*

Concerto sem intervalo



casa da música



Maestro Takuo Yuasa
sobre o programa

<https://vimeo.com/244017949>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Os nomes de Tchaikovski e Rachmaninoff simbolizam a alma romântica da música russa, revelada nas duas obras em programa. Ao reconhecer a natureza romântica comum, podemos associá-las a duas fases históricas diferentes separadas pelo Modernismo do início do século XX. Tchaikovski elevou o Romantismo musical russo ao auge dos valores humanistas globais. Rachmaninoff, formado na tradição da “Era de Prata” da arte russa no período entre os anos 90 do século XIX e os anos pré-revolucionários do século XX, confirmou a vitalidade do Romantismo nas condições de um entrelaçamento complexo de tendências de neoclassicismo, simbolismo, neofolclorismo e futurismo na Rússia e (a partir do ano 1917) no Ocidente.

Os dois compositores eram colegas e amigos, encontrando-se no início e no fim dos respectivos percursos artísticos. A actividade pedagógica de Tchaikovski determinou, em grande medida, a formação da escola composicional russa. Ao integrar o grupo de professores do Conservatório de Moscovo desde a sua fundação, em 1866, e ao longo dos doze anos seguintes, estabeleceu as bases do ensino de composição, harmonia e outras disciplinas. Em finais da década de 1880, Rachmaninoff era aluno das classes para iniciantes do Conservatório de Moscovo, que decorriam em regime particular na casa do eminente professor de piano N. Zverev. Esta casa, famosa por promover encontros artísticos entre músicos ilustres, era frequentada por Tchaikovski, cuja música era já mundialmente reconhecida e ocupava um lugar de liderança na vida musical russa. Os jovens alunos de Zverev (ex-aluno e amigo de Tchaikovski) participavam nas jornadas musicais na sua casa, e Rachmaninoff teve múltiplas oportunidades de tocar para

Tchaikovski e mostrar-lhe as suas composições. Acompanhando o talento florescente do jovem compositor, Tchaikovski elogiou as duas obras compostas para a finalização dos cursos de piano e de composição no Conservatório – o *1º Concerto para piano e orquestra* e a ópera *Aleko*. Propôs mesmo incluir *Aleko* num programa que incluía a sua ópera *Iolanta*, e dirigir a orquestra na apresentação do poema sinfónico *Penhasco op. 7*, em 1894. Ambos os projectos foram interrompidos pela morte de Tchaikovski, que chocou profundamente Rachmaninoff e o levou a compor o *Trio Elegiaco em Ré menor, op. 9*.

A música de Tchaikovski teve um grande impacto em Rachmaninoff ao longo de toda a sua vida. Ainda nos anos de estudante, junto com o pianista e maestro A. Ziloti, realizou e preparou para publicação a transcrição para piano a quatro mãos do bailado *A Bela Adormecida*; em 1904-06, nos tempos em que dirigia a orquestra do Teatro Bolshoi, elevou ao mais alto nível as interpretações das óperas e bailados de Tchaikovski; em 1912 dirigiu seis vezes seguidas a ópera *Dama de Espadas* no Teatro Mariinski; desde a primeira década do século XX e ao longo de toda a sua carreira de maestro, interpretou as obras sinfónicas de Tchaikovski na Rússia, na Europa Ocidental e nos EUA; incluía regularmente o *1º Concerto para piano e orquestra* e música de câmara nos programas dos concertos em que actuava como pianista; uma das suas últimas obras foi o arranjo para piano da *Canção de embalar*, realizado em 1940.

Um casal de conhecidos de Rachmaninoff ouviu-o dizer, na sua última década de vida: “Quando eu estava em Moscovo com Tchaikovski, considerava-o um deus. E agora penso da mesma forma”.

Piotr Ilitch Tchaikovski

VOTKINSK, 7 DE MAIO DE 1840

SÃO PETERSBURGO, 18 DE NOVEMBRO DE 1893

Abertura-Fantasia *Romeu e Julieta*

Antes de chegar à versão que ouvimos hoje, *Romeu e Julieta* conheceu outras duas versões. Surgiram em 1869 e 1870, em Moscovo, num período marcado pela actividade docente de Tchaikovski no Conservatório e pelas suas primeiras composições. Nessa altura, tinha estabelecido contactos artísticos com os compositores do “Grupo dos Cinco” de São Petersburgo, principalmente com Balakirev, o líder espiritual do grupo. Foi este que sugeriu ao jovem Tchaikovski a ideia de compor uma obra sobre este texto de Shakespeare. A proposta de Balakirev foi acompanhada por um plano composicional bastante elaborado. Tchaikovski envolveu-se no trabalho respeitando os conselhos do seu ilustre colega, mas deu-lhes vida própria. Balakirev aprovou esta realização, embora tivesse recomendado rever alguns pormenores.

O “Grupo dos Cinco” recebeu a obra com grande interesse, conhecendo-a na versão interpretada ao piano por Balakirev – que, ao tocá-la tantas vezes a pedido de outros, acabou por memorizá-la. A estreia orquestral ocorreu em Moscovo e foi marcada pela indiferença por parte do público e da crítica. Tchaikovski reviu a obra de uma forma significativa, mas também esta versão, próxima da final, não teve sucesso nem na Rússia, nem em Viena ou Paris, apesar de muito apreciada por compositores como Saint-Saëns. Após assistir ao concerto em Paris, o compositor Taneiev (colega e amigo de Tchaikovski) protestou que a falta de compreensão da música por parte do maestro era



a principal razão da frieza com que o público recebera a obra.

A terceira redacção desta obra, que se tornou definitiva, tem o final modificado e apareceu dez anos após a segunda versão, em 1880. Nesta altura, Tchaikovski já tinha composto o bailado *O Lago dos Cisnes*, a ópera *Eugene Onegin*, o 1º Concerto para piano e orquestra e a 4ª Sinfonia; um conjunto de obras-primas ao qual se juntava a Abertura-Fantasia *Romeu e Julieta*.

Embora definida como abertura-fantasia, *Romeu e Julieta* é uma peça orquestral independente, conforme a tradição da música sinfónica romântica firmada pelos poemas orquestrais de Liszt. Na realização da obra Tchaikovski não se dirige por uma lógica descritiva, optando antes pelo dinamismo das leis musicais da forma-sonata, escolhendo somente três temas do drama de Shakespeare e envolvendo-os num único conflito. Dois destes temas definem os contornos dos temas principal e secundário da forma-sonata: o conflito entre as famílias Montéquiu e Capuleto e o tema do amor. O carácter do primeiro tema não se modifica ao longo da peça toda, passando apenas do modo me-

nor para o maior, em sinal de reconciliação, no final. O segundo tema, do amor, embora permanecendo fiel à essência do seu carácter, cresce de juvenil, tocante e refinado, até se tornar extremamente exaltado. Na secção final da reexposição (perto do fim da obra), o tema do amor envolve-se num conflito com as forças obscuras, é segmentado e invertido, mas acaba por se afirmar gloriosamente.

A maior capacidade de transformação, que transmite todo o dinamismo do drama, transpõe-se no terceiro tema, semelhante a um coral, que se associa à personagem de Frei Lourenço na extensa secção da introdução (juntas, a introdução e a exposição da forma-sonata constituem metade da obra). A cada passagem aumenta a agressividade deste tema, que se torna um tema do destino conduzindo o conflito até a morte; no final sintoniza-se com o tema do amor.

Nesta obra de Tchaikovski entra mais uma personagem, não revelada directamente por Shakespeare mas não deixando de ser, contudo, uma personagem principal: a palavra do autor. O autor conta a sua história e, ao mesmo tempo, fica absorvido por ela, treme diante do poder esmagador do destino e, ao mesmo tempo, decide a conclusão final, conforme uma frase de G. Derjavin (poeta do Romantismo russo do séc. XVIII): “Sou um rei, sou um escravo, sou um verme, sou um deus.” O impacto da palavra do autor pode ser observado na transformação do motivo da lamentação (em intervalos de segundas descendentes), que se desenrola desde a resposta ao coral na introdução até ao comentário exaltado das trompas que acompanham o tema do amor na culminação da obra. Este tipo de presença activa de um autor no desenrolar da sua obra marca as posteriores revelações românticas na música russa, incluindo a *3ª Sinfonia* de Rachmaninoff.

Sergei Rachmaninoff

ONEG, 20 DE MARÇO DE 1873

BEVERLY HILLS, 28 DE MARÇO DE 1943

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, op. 44

A imagem artística de Rachmaninoff é formada por três áreas que dominava: o piano, a direcção de orquestra e a composição – o “deus em três pessoas”, como foi aclamado por um crítico. Formado na Rússia, foi lá que, até à partida forçada pela Revolução de 1917, criou a maior parte das suas obras, inclusive três concertos para piano e orquestra, duas sinfonias, o poema *Os Sinos* para solistas, coro e orquestra, as *Vésperas* e grande parte das obras de música de câmara. Depois de emigrar, foi o piano e a direcção de orquestra que lhe deram fama mundial. Ao mesmo tempo, o estilo composicional, que permaneceu fiel ao tipo melódico russo, à inspiração romântica e às tradições sinfónicas estabelecidas por Tchaikovski – embora modificado significativamente no segundo quarto do século XX –, era frequentemente considerado conservador por críticos e público habituados às inovações da época. A resistência ao seu talento enquanto compositor não contribuía para a produtividade: a quantidade de obras escritas no estrangeiro é significativamente inferior ao número de obras criadas na Rússia. Com o passar do tempo, todas elas foram reconhecidas como obras-primas de âmbito mundial; no entanto, o caminho para o coração do público nem sempre foi inequívoco.

A *Sinfonia n.º 3*, que encerrou a sua produção orquestral juntamente com as *Danças Sinfónicas*, não foi excepção. Escrita em 1936 na Suíça e reconhecida pelo próprio autor como uma das suas melhores obras, foi *maravilhosamente* estreada (na opinião do compositor)



pela Orquestra de Filadélfia dirigida por Leopold Stokowski. Entretanto, foi recebida *acidamente* (também segundo o próprio) por críticos e público. Dois meses e meio após a morte de Rachmaninoff, a sinfonia foi estreada na União Soviética. O maestro, Nikolai Golovanov, publicou a sua crítica à obra: “Um equilíbrio harmônico de pensamento criativo maduro, em conjunto com um sentimento sincero, calor espiritual e emoção, uma textura harmônica inovadora (...), uma riqueza polifônica, um ritmo apurado, uma orquestração requintada e uma forma rigorosa fazem desta sinfonia uma contribuição valiosa para o tesouro mundial musical e uma finalização digna da rica vida artística do compositor... A *Terceira Sinfonia* não impressionará à primeira, mas entretanto... ficará para sempre na memória do ouvinte como uma página cativante e emocionante do poderoso gênio do artista russo.”

A sinfonia tem três andamentos – o *scherzo*, que tradicionalmente configura um andamento independente, aqui está incluído no *Adagio*. De modo semelhante ao que acontece na Abertura-Fantasia *Romeu e Julieta* de Tchaiko-

vski, a estrutura da sinfonia e a sua ideia dramática cimentam-se pelo motivo do destino. O seu contorno melódico aproxima-se dos temas de Rachmaninoff baseados no canto sacro russo antigo, que se revela, por exemplo, no tema inicial do *Terceiro Concerto para piano*. O tema do destino aparece no início da introdução, cautelosamente, como um prólogo; pouco depois envolve-se numa culminação trágica do primeiro andamento; regressa depois como uma reminiscência abafada no *pizzicato* das cordas; da mesma forma, os *pizzicati* encerrarão o segundo andamento. O final da sinfonia, embora introduza uma atmosfera de festa e alegria cintilante, é permeado pelos motivos do tema do destino, até à confluência com o tema *Dies irae* – sequência de um *Requiem* medieval. Os acordes conclusivos combinam a energia festiva com o tema do destino, o que lhes confere um aspecto sinistro.

Ao mesmo tempo, o tema do destino demonstra uma faceta contrastante: a faceta lírica. Esta surge no timbre terno da trompa, nos primeiros compassos do segundo andamento – fazendo lembrar o motivo baseado em intervalos de segunda que acompanhava o tema do amor na obra de Tchaikovski. A seguir introduz-se, pela voz do violino solo, uma das mais belas cantilenas da obra de Rachmaninoff. Esta melodia entrelaça-se com uma série de outros temas líricos que, cada um à sua maneira única, iluminam a visão nostálgica da alma russa da sinfonia. A intensidade lírica eleva-se de tal forma que ultrapassa o tónus agressivo, mais uma vez confirmando os ideais infinitos de beleza que marcam toda a obra de Rachmaninoff.

SVETLANA POLIAKOVA, 2017

Takuo Yuasa *direcção musical*

Takuo Yuasa é um maestro altamente respeitado. Apresenta-se regularmente na Europa e no Extremo Oriente, e nas temporadas recentes dirigiu no Grand Théâtre de Aix-en-Provence, no Royal Festival Hall e no Barbican Centre de Londres, na Konzerthaus de Viena, na Alte Oper de Frankfurt, no Liederhalle de Estugarda e no Sibelius Hall em Lahti (Finlândia). Nasceu em Osaka, onde estudou piano, violoncelo, flauta e clarinete, mas está profundamente imbuído da cultura ocidental. Deixou o Japão com apenas 18 anos para estudar nos Estados Unidos da América, diplomando-se em Teoria e Composição na Universidade de Cincinnati. Mudou-se depois para a Europa, estudando direcção com Hans Swarowsky na Escola Superior de Música de Viena – sob recomendação de Istvan Kertesz e Janos Starker –, Igor Markevich em França e Franco Ferrara em Siena. Trabalhou então como assistente de Lovro von Matačić em Monte Carlo, Milão e Viena.

Desde a conquista do Prémio Especial no Concurso Internacional de Direcção de Fitelberg em Katowice (Polónia), tem dirigido frequentemente as principais orquestras polacas, entre as quais a Filarmónica de Varsóvia e as Sinfónicas da Rádio Polaca. A sua versatilidade leva orquestras de todo o mundo a convidá-lo para dirigir tanto o repertório corrente como obras mais obscuras de grandes compositores. Foi Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Gumma no Japão e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC e da Orquestra do Ulster na Irlanda do Norte, com múltiplas renovações de contrato em ambas as orquestras.

Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Estrasburgo e Bruxelas, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica do Porto Casa da

Música, a Sinfónica Aarhus e as principais orquestras japonesas, incluindo as Filarmónicas do Japão e de Osaka, a Nova Filarmónica do Japão e a Sinfónica Metropolitana de Tóquio. Dirigiu ainda as Filarmónicas de Oslo, Londres, Hong Kong, Luxemburgo, Varsóvia e Real Flamengo; as Sinfónicas de Sidney, Nova Zelândia, Adelaide e Queensland; a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Brabants Orkest. No Reino Unido tem dirigido frequentemente a Orquestra Hallé, a Orquestra Real Escocesa, a Filarmónica Real de Liverpool, a Sinfónica Nacional de Gales/BBC e a Sinfónica de Bournemouth. As suas qualidades musicais e de liderança têm-no levado a trabalhar com diversos conservatórios de música da Europa e orquestras nacionais de jovens da Escócia, da Irlanda do Norte e da Irlanda.

Takuo Yuasa é artista Naxos, com registos com as Sinfónicas de Sidney e da Nova Zelândia, a Orquestra do Ulster, a Sinfónica Escocesa da BBC e a Sinfónica Nacional da Irlanda, entre outras. Tem sido alvo de óptimas críticas numa gama ampla de repertório que abrange obras de Rimski-Korsakoff, Britten, MacMillan e Rawsthorne, Webern e Schoenberg, Honegger, Vieuxtemps, MacDowell, Schubert, Pärt, Górecki, Glass e Nyman, a que junta um grupo de compositores japoneses emergentes como Matsumura, Mayuzumi, Ohki, Bekku, Yashiro, Moroi, Akutagawa e Yamada. Gravou ao vivo as integrais das sinfonias de Brahms e Schumann com a Osaka Century Orchestra, editadas em CD no Japão.

Em 2007 recebeu o Prémio Cultural Iue (instituído por Toshio Iue, fundador da Sanyo), pela sua contribuição excepcional para a música e pelos seus feitos artísticos internacionais. É Professor Emérito da Universidade de Belas-Artes e Música de Tóquio.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo,

Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como *o Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Martyn Jackson*
Afonso Fesch*
Radu Ungureanu
José Despujols
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Andras Burai
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Tiago Moreira**
Inês Vilarinho**

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Paul Almond
Vítor Teixeira
José Sentieiro
Jorman Hernandez*
Flávia Marques*
Maria Laranjo**
Ana Luísa Carvalho**

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Francisco Moreira
Rute Azevedo
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Bárbara Ferreira**
Márcia Marques**

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
Gisela Neves
Michal Kiska
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Luciano Cruz*
Roberto Henriques*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira*
Gergely Suto

Fagote

Robert Glassburner
Liliana Reis*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber
José Bernardo Silva

Trompeta

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Timpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Iliaria Vivan

Celesta

Luís Filipe Sá*

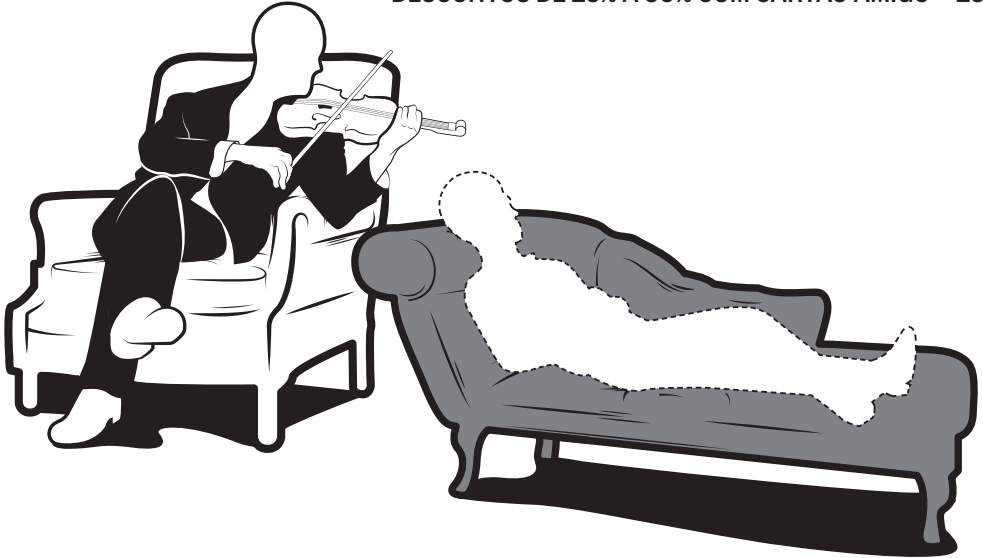
*instrumentistas convidados

**estagiários Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto

ASSINATURAS 2018

O SEU LUGAR DE SONHO

DESCONTOS DE 25% A 50% COM CARTÃO AMIGO + 25%



Maravilhas da Música Austríaca
Integral das Sinfonias de Bruckner
Integral dos Concertos para Violino de Mozart

Sinfónica Série Clássica
Sinfónica Série Descobertas
Sinfónica Fora de Série
Sinfónica Série Famílias
Sinfónica Temporada
Remix Ensemble
Barroca
Música Coral
Ciclo Piano Fundação EDP
Ciclo Jazz Terças Fim de Tarde
Banda Sinfónica Portuguesa

www.casadamusica.com
Bilheteiras Casa da Música
Linha Cartão Amigo - 220 120 229

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

AGEAS PORTUGAL

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

APDL - ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DO DOURO, LEIXÕES E VIANA DO CASTELO, S.A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPICIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA PORTUGAL

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP

PATRONO CHEFE DE NAÍPE TROMPETA DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

LUCIOS



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

